

EDITORIAL

“Opsè theôn aléousi mýloi, aléousi dè leptá.”*

1.

A **Hypnos 18** continua o complexo assunto do número anterior, “O Tempo”. É sugestivo que um número sobre o Tempo sirva à editoria para expor o que consideramos nosso compromisso: lembrar a morte de um grande helenista, ocorrida em janeiro deste ano, *Jean-Pierre Vernant*. Sua obra, vastíssima, delimitou novos modos de abordagem dos textos da Antiguidade grega, quer pelo cuidado filológico, quer pelos temas relevantes, criativamente estudados ao unir ângulos antes apartados (Psicologia, Literatura, Filosofia, História, Arqueologia...) e que ressoam intensamente nas investigações filosóficas.

Desde os estudos obrigatórios de Louis Gernet, Marcel Detienne, Claude Mossé, M. Finley, N. Loraux, Vidal-Naquet – e outros mais, que seguem dando rosto a esse trabalho dos primeiros mestres, a que se chamou “Psicologia Histórica” –, temos em mãos um legado que o investigador da Antiguidade clássica não deveria esquecer... mas “esquece”. Isso ocorre com frequência, quer por ignorância, quer por questões de ideologia quanto ao modo de abordar um texto antigo. Perde-se muito com certas posturas negativas, equivocadas, mas só se saberá da perda bem depois.

Essa reunião de estudiosos da qual participava Vernant, que, por vezes, é nomeada “Escola de Paris”, transformou e vem transformando o rumo das leituras de outras áreas quanto à Antiguidade clássica. Claro que os estudiosos de História, Arqueologia, Letras e Literatura greco-romana já descobriram o valor desses estudos há tempos. Inexplicavelmente, tal não ocorreu com os investigadores de Filosofia, e somos obrigados a marcar esse fato aqui, neste editorial. É uma miopia de nosso momento investigativo, miopia que, diga-se, não se limita ao Brasil. No entanto, parece-nos uma questão de tempo que os estudiosos de Filosofia venham a ampliar suas perspec-

* “Os moinhos dos deuses moem devagar, mas moem fino” [Plutarco, *De sera nuiminum vindicta*, 549d]

VI tivas sobre as obras dos filósofos antigos utilizando-se das profundas trilhas abertas pela “Psicologia Histórica” da “Escola de Paris”. Somos lentos quanto ao que é novo e complexo...

Jean-Pierre Vernant foi um dos mais brilhantes expoentes desse grupo. Sua generosidade – da qual pudemos compartilhar de perto –, sua responsabilidade intelectual, o brilhantismo de seus textos, eis o que há a marcar nesta pequeníssima homenagem da **Revista Hypnos** a esse grande estudioso de larga vida e de larga memória entre nós, sem dúvida.

2.

Numa feliz coincidência, este número traz três artigos sobre o tempo em Aristóteles (H. R. Ochoa, J. Quartim e F. R. Puente) não convergentes nas interpretações, e dois em Platão (T. Robinson e J. G. Trindade Santos), que também não convergem entre si. Ora, aprende-se talvez mais pela diferença que pela igualdade, de modo que o leitor terá temas e espaço suficientes para um bom debate, e é esse um dos objetivos mais profícuos que uma revista pode oferecer. Além dos artigos, três comunicações muito interessantes: uma abordagem sobre o tempo em Plotino (L. Oliveira), outra sobre o *lógos* apofático (B. G. Lins Brandão), e a inesperada (mas sempre esperada) ponte possível entre a primeira reflexão grega (primeiros “físicos”) e a de povos não gregos da época – no caso específico, sabedoria da Índia: Heráclito e os Upanishad (T. Santoro).

Finalizando o número 18, três indicações de leituras: uma resenha crítica sobre a complexa obra de R. Brague sobre o tempo (F. R. Puente), a apresentação da sempre atual obra de Aristóteles *Os Econômicos* (J. Veríssimo), traduzida para o português, e a bem-vinda reflexão do matemático e filósofo já conhecido Northon A. Whitehead, sobre a ciência e o mundo moderno (R. Gazolla).

Boa leitura!

Rachel Gazolla
(editora)